

Apresentação

A revista *Patrimônio e Memória*, neste volume 7, número 1, de 2011, instigante em suas pretensões, traz a você, caro leitor, dois dossiês sobre assuntos que se inter-relacionam, embora apresentem peculiaridades. A seu modo, cada um insere-se no campo da memória e de construção de identidades, entre elas a do próprio país. Os autores descobrem, nos temas investigados, que os protagonistas envolvidos buscam inventar ou reafirmar tradições a partir da criação de Instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (e suas versões, criadas nas unidades federativas) e de determinadas festas singulares, que expressam dimensões simbólicas próprias. Estas festas também buscam consagrar “tradições” assentadas em práticas sociais, recorrentemente reinventadas para conferir sentido às vidas dos sujeitos envolvidos: idealizadores e protagonistas que as vivenciam.

O primeiro dossiê foi organizado pelos professores Antonio Celso Ferreira, da UNESP/Assis, e Marcelo Lapuente Mahl, da UFU, especialistas no assunto e que aceitaram o convite da revista *Patrimônio e Memória* para levar a termo o desafio. Os quatro primeiros textos chegaram à revista por intermédio deles, enquanto os demais foram enviados diretamente ao periódico.

O conjunto de reflexões, independente de sua origem, mapeia as discussões desenvolvidas pelos IHG do Maranhão, da Paraíba, da Bahia e de São Paulo e demarcam os sentidos das intervenções de seus intelectuais, que se autoatribuíram a tarefa de discutir os destinos do país, em seus diferenciados aspectos, como exemplifica a trilha seguida pelo IHGMT, que não se eximiu dessa tarefa.

O debate teve prosseguimento nos demais textos, que refletiram sobre os “negros” e a “natureza”; assuntos que marcaram parte dessas peculiaridades do IHGB e os comprometimentos de seus intelectuais, cujas marcas carregam os posicionamentos ideológicos e as concepções de mundo e de História do próprio grupo e, de forma particularizada, daqueles que se dedicaram à tarefa investigativa das questões definidas em seu âmbito.

O dossiê “festas (e suas interfaces)”, por seu turno, agrega textos que tratam de manifestações promovidas por homens e mulheres em espacialidades e tempo distintos, que celebram: a vida (e a morte); as realizações que se inscrevem nos circuitos do poder; ou ainda, acontecimentos corriqueiros inscritos no cotidiano desses sujeitos. As discussões iniciam-se com o texto que faz revisão da historiografia sobre as festas enfocando as diferentes formas com que elas têm sido abordadas pela escrita da história; prossegue com

a discussão das Antestérias dionisiacas na antiga Grécia, continuam com as inquirições sobre os sentidos do riso, do medievo ao período moderno e prosseguem nos “rituais de culto aos mortos”, promovidos por ato do poder, que visam à sagração de heróis que encarnam valores que se quer consagrar, como uma forma de evitar o esquecimento de certos feitos, como o caso do culto aos que tombaram na “Revolução Constitucionalista de 1932”.

Há, ainda, textos dedicados às festas religiosas, cujo propósito é reafirmar a memória de acontecimentos que ultrapassam o momento de sua ocorrência e buscam consagrar um tempo mítico, que une o passado ao futuro. São “festas singulares”, que se tornaram patrimônios imateriais do país e, ao mesmo tempo, elementos de modelagem dos perfis dos sujeitos nas suas encenações de fé e de suas identidades diversas ao longo do tempo.

O dossiê encerra-se com discussões sobre manifestações culturais contemporâneas, presentes no artigo sobre os “festivais de música pop”, que ocorreram em diversas cidades (do mundo globalizado), numa clara tentativa de mostrar a pluralidade das expressões culturais e de seus distintos significados na contemporaneidade. Para além das discussões anteriores, a revista ainda contempla assuntos variados, enfeixados na sessão “Artigos”, que aborda poemas inéditos de Eusébio de Matos, intelectual do Brasil colonial, as lições de método de Mário de Andrade, a análise de algumas das marginálias de João Antônio, presentes em Noturno da Lapa, de Luís Martins, pertencente à biblioteca pessoal do escritor, e o papel dos clubes na experiência cultural brasileira na passagem do século XIX para o XX. Na sessão “Comunicação de Pesquisa” há texto que analisa os festivais de Rock do Rio de Janeiro e, por fim, de livro coletivo que avalia as contribuições de Kracauer como crítico de arte e filósofo, nos anos 30 do século passado.

A capa desse volume de Patrimônio e Memória recupera a imagem do antigo prédio do IHGB. A escolha deveu-se ao seu papel de ícone em seus propósitos de construir a memória e identidade do país, a partir do recorte de suas elites, que entrelaçam a memória de si, aos intentos mais abrangentes de conferir singularidade aos feitos de seu povo e de demarcar a brasilidade do país. Os textos aqui reunidos deslindam os sentidos desse processo e os limites da atuação de seus protagonistas. Neles, os autores colocam em xeque a matriz fundadora, representada pelo(s) IHGB(s), de guardião da “identidade nacional”, homogênea e singular. Vale conferir.

Profª Drª Zélia Lopes da Silva
Editora

Assis, 10 de junho de 2011
e-mail: patrimonio-e-memoria@assis.unesp.br